

Melancolia e saudade do migrante sertanejo na Amazônia paraense no romance *Terra de Icamiaba* de Abguar Bastos¹

Melancholy and longing for the migrant from the Pará Amazon in the novel *Terra de Icamiaba* by Abguar Bastos

Jorlei de Lima Mescouto²
Sérgio Wellington Freire Chaves³

Resumo: A Literatura paraense dispõe de vários registros a respeito da migração sertaneja na Amazônia, e este artigo tem o objetivo de corroborar a melancolia e a saudade desses migrantes, uma vez que foram praticamente obrigados a migrar, devido às péssimas condições de vida impostas no Sertão nordestino. Averiguando-se o processo migratório para o Pará, visto que tal assunto é relevante para a cartografia paraense do começo do século XX, por uma ótica do migrante na Amazônia. A pesquisa é bibliográfica, tendo como corpus de análise, o romance *Terra de Icamiaba* do autor Abguar Bastos, e utilizando como referencial teórico, outros artigos que também tratam sobre a migração na Amazônia. E por intermédio deste trabalho, pode-se enfatizar à literatura em questão, disponibilizando-a ao alcance de mais leitores, para que saibam que o Pará possui autonomia literária, opondo-se ao preconceito de que o estado não é capaz de prover produções de qualidade.

Palavras-chaves: migração; melancolia; saudade.

Abstract: Pará literature features various accounts of backlands (sertão) migration to the Amazon. This article aims to highlight the melancholy and longing experienced by these migrants, who were practically forced to relocate due to the harsh living conditions in the northeastern backlands. It examines the migratory process to Pará, considering it a relevant topic for the Paraense cartography (northern Brazil) of the early 20th century, through the perspective of the migrant in the Amazon. This is a bibliographical research, using the novel *Terra de Icamiaba* by Abguar Bastos as the corpus of analysis, along with other academic articles that also explore migration in the Amazon as part of the theoretical framework. By means of this work, it is possible to emphasize the literature in question, making it more accessible to a wider audience, so that people may recognize that Pará has literary autonomy and challenge the prejudice that the state is incapable of producing quality literary works.

Keyword: migration; melancholy; longing.

¹ Artigo referente ao trabalho de curso, pela Faculdade de Letras - Português, na Universidade Federal do Pará, campus universitário de Bragança.

² Aluno da Faculdade de Letras - Português, na Universidade Federal do Pará, campus universitário de Bragança. jorlei.mescouto@braganca.ufpa.br

³ Professor Doutor da Faculdade de Letras - Português, na Universidade Federal do Pará, campus universitário de Bragança. sergiofreire@ufpa.br

1 Introdução: a migração na literatura

Na literatura paraense, se tem a narrativa de muitos migrantes do sertão nordestino que migraram para o estado do Pará; sendo que a migração ocorre de forma inevitável em uma esfera global, haja vista que esse deslocamento é um ato imprescindível na formação cultural do migrante, dissimulando a si mesmo sua própria verdade (Sayad, 1998). Ademais, tal mudança não garante um ponto de vista duradouro, já que não se sabe ao certo, se, os migrantes permanecem, ou logo se mudaram novamente, e assim caracterizados sempre como indivíduos marginalizados no meio em que se encontram. Fato é, que, a questão econômica sempre foi um motivo crucial para essa ação, uma realidade em que, os retirantes são vistos apenas como mão-de-obra, a exemplo, do estado do Pará, no qual os migrantes sertanejos serviram como trabalhadores na coleta do látex (matéria prima da borracha), enquanto úteis, e quando não mais úteis, poderiam ser rapidamente excluídos.

Por meio da Literatura Paraense, temos nesse trabalho o objetivo de comprovar a melancolia e saudade dos migrantes sertanejos na Amazônia, os quais foram praticamente obrigados a migrarem para tal região, visto que a vida no Sertão se fazia difícil, não havendo recursos em se utilizar a agricultura e a pecuária, então eles passaram por inúmeras dificuldades em relação a alimentação. Todavia, o fator mais pertinente acerca da miséria sertaneja, foi causado pela elite local, que possuía propriedades com recursos, as quais poderiam ser utilizadas com o propósito da produção agrícola e pecuária, mas os donos assim não quiseram, fazendo com que os flagelados continuassem em estado de miséria. Interessante notar, como a literatura em questão (paraense), contém um contexto com a influência de outra região do Brasil, uma vez que em registros migratórios, esse elo é algo imprescindível nas pesquisas.

Apresentando-se essas causas, que proporcionaram a migração em um contexto norte-nordeste, onde os muitos migrantes nordestinos se deslocaram para a Amazônia; exemplo disso, são os interesses políticos elitista da época, já que os líderes da nação queriam explorar e conseguir mais riquezas com a dominação do bioma em evidência. Quando se pensa em registros amazônicos, em muitas vezes pode haver o preconceito de que a cartografia está voltada unicamente para a flora e fauna da região, porém a literatura paraense é composta por diversas temáticas literárias, a exemplo da migração sertaneja em pauta.

Os dominantes do lugar, tendo-se como principal propósito de exploração, a extração do látex da seringueira, logo se precisou de muita mão-de-obra, porém a priori, havia-se o conceito de que, a Amazônia era um lugar difícil de se viver, onde apenas existiam mato e animais selvagens, entretanto o governo brasileiro agindo de má fé, e fazendo-se o uso de

propaganda enganosa, mudou essa perspectiva negativa. Logo, a região norte começou a ser vista como uma terra próspera, em que havia trabalho e riquezas, a comparando com a lendária terra de Eldorado, o que incentivou muitos sertanejos há migrarem para tal destino, com a esperança de melhorarem suas vidas, proporcionando ao governa a mão-de-obra necessária para o trabalho. Todavia, esse serviço exercido pelos demais, não se fez satisfatório, já que devido às péssimas condições impostas pelos seringalistas (donos dos seringais), esse emprego pode ser considerado como trabalho escravo, visto que os sertanejos não conseguiam se libertar dessa realidade opressora. Se podendo saber que, a cartografia paraense também não se remete somente ao imaginário folclórico. Em verdade, se tem muitos registros acerca de temáticas negativas, se podendo expressar o que ocorre de desarmonioso no estado paraense, que, não é formado apenas por crenças, mas também por uma literatura tratando de assuntos evidentemente não favoráveis ao homem.

A pesquisa é de cunho bibliográfico, tendo como corpus principal de análise, o romance *Terra de Icamiba*, do autor Abguar Bastos, e, fazendo-se uso como referencial teórico, artigos que expressam a trajetória dos migrantes na Amazônia, havendo vários registros no século XX, em relação a essa temática, que na época, movimentou a sociedade paraense. Tais produções, se referiam aos homens que vieram trabalhar no estado, porém uma questão a se dar mais ênfase nos registros, é a exploração que os mesmos sofreram pelos seringalistas, que, se aproveitavam do trabalho exercido por eles e, não os recompensam de forma justa, logo o que conseguiam como recompensa, não era o suficiente nem ao menos para poderem se alimentarem de maneira satisfatória, e, conseqüentemente, os trabalhadores eram obrigados a fazerem empréstimos junto aos seus patrões, o que acarretava dívidas, as quais os sertanejos não conseguiam pagar, proporcionando com que, continuassem presos nos seringais.

O autor Abguar Bastos (Belém, 1902 - São Paulo, 1993), intelectual, literato, jornalista e político, iniciou sua carreira erudita como poeta, romancista, ensaísta e historiador: suas obras se disseminaram principalmente em jornais e revistas de Belém e Manaus no começo do século XX, tornou-se um escritor que exaltava os registros amazônicos na literatura paraense (Reis, 2022). Na opinião do Bastos, as características da literatura produzida na Amazônia, deveriam contemplar os aspectos inerentes e as particularidades dessa região, e serem conteúdo para o modernismo brasileiro. Tendo em suas obras, o sentimento humano do homem, porém também é marcante a sua posição ideológica, antropológica, cultural, política e folclórica quando está abordando a realidade da região amazônica. Mesmo quando o autor saiu de Belém em 1930, para morar em outras cidades do Brasil, como São Paulo e Rio de Janeiro, não se despreendeu da região norte, e, a Amazônia continuou fazendo parte da diversidade e sensibilidade do poeta.

Pode-se considerar que, a política e a poesia foram os principais alicerces para as produções do autor, o que possibilitou uma nova visão do país em relação à literatura paraense.

Entre suas produções literárias, se pode destacar as obras: *Certos caminhos do mundo*, publicada em 1935, na qual se tem um cenário tropical, entre a vida estranha do vale acreano e vale Purús, haja vista um romance de ambiente natural, em que as imagens se adaptam rapidamente à realidade vivida; *Safra*, publicada em 1937, é uma narrativa com intenção social e coletivista, por conseguinte, os homens marcham através da safra para colherem os seus produtos; e o romance *Terra de Icamiba - romance da Amazônia*, publicado no Rio de Janeiro, no ano de 1934, sendo o corpus de análise deste artigo. De acordo com o gênero literário em foco: “o romance pode, mais do que o conto, a novela e a poesia (mesmo a de caráter épico, segundo o nosso entendimento de matéria), apresentar uma visão global do mundo” (Moisés, 2006, p. 165). Fazendo-se um gênero literário em prosa, composto por muitas laudas e rico em detalhes a respeito do que trata, tem como intuito recriar a realidade, reconstruindo a existência por meios próprios, procurando abranger o máximo de amplitude e profundidade, com uma perspectiva de intuição, observação e fantasia; sendo um gênero mais moderno, quando comparando-o à epopeia, e tendo como importante função demonstrar a decadência da sociedade, e levantar soluções em prol de que, se resolva as crises existentes.

O romance *Terra de Icamiba*, tem o propósito de mostrar a luta do homem com o meio brutal e selvagem, visto que um dos personagens principais, é o migrante que saiu do Sertão do Ceará, buscando uma vida melhor em terras paraenses, na floresta Amazônica. Adentrando a obra *Terra de Icamiba*, a narrativa retrata que, no Sertão nordestino a vida se fazia sofrida, não havia recursos suficientes para a sobrevivência dos sertanejos, logo os mesmos foram praticamente obrigados a migrarem para a Amazônia (Pará), com o propósito de conseguirem uma melhor condição de vida, entretanto essa possibilidade não passou de uma utopia, inventada pelos governantes do período da extração do látex (matéria prima da borracha). Então, os aventureiros estavam em uma realidade cruel, trabalhavam como escravos; correndo risco de vida na mata; além de sofrerem ameaças dos seringalistas que dominavam a região.

Como consequência de todo esse sofrimento, e fato de análise da obra literária em questão, se tem a melancolia, na qual Hipócrates (médico da Grécia Antiga), diferenciava a melancolia endógena, em que sem razão a pessoa se torna taciturna e busca a solidão; da melancolia exógena, consequência de um trauma externo. Mas, o médico também sintetizou a melancolia, de modo a ser a busca pela morte, como se fosse uma benção (Scliar, 2008). Porém, por um olhar mais filosófico, Aristóteles levanta a questão: porque todos os homens que de certa forma tiveram grandes expressões na filosofia, poesia entre outras artes, se faziam

melancólicos? Pelo visto, mesmo que a melancolia seja algo ruim, em contrapartida pode tornar o seu portador genial em tais ações (Scliar, 2008).

Em relação ao migrante na literatura, a melancolia sempre foi algo evidenciado em tais registros, haja vista que esse sentimento possa proporcionar algo positivo, todavia a sua maior ação, não deixa de ser o sofrimento humano, que pode ser causado por inúmeros fatores. A melancolia, como ponto de análise na obra *Terra de Icamiba*, em que está nítido o sofrimento dos sertanejos em terras paraense, uma vez que tal situação começou quando saíram do Sertão e, continuou durante grande parte do período, no qual se encontravam na Amazônia paraense, já que os muitos problemas estavam associados às péssimas condições de trabalho; os perigos que enfrentavam; bem como a falta de humanidade para com eles.

Como consequência desse sentimento negativo, se teve a saudade da terra natal (Sertão nordestino), que para o autor brasileiro José Tobias, é uma lembrança amarga e prazerosa, de um amor que não se faz mais presente (Bertini, 2016). Já com um olhar mais poético, o escritor português Luís Camões pensa em saudade com um sentido triste e dramático, visto que se tem lembranças e choro por alguém especial (Bertini, 2016). A saudade representa a ausência de algo bom; fazendo parte do passado; em que muitas das vezes, não há mais possibilidades de estar no presente. Como foco também de análise no corpus da pesquisa, a saudade se faz evidente no romance, uma vez que os sofrimentos passados no Pará, acarretaram aos migrantes tal sentimento pelo Sertão, que não era um lugar bom de se morar, porém se fazia melhor do que sofrer trabalhando para o patrão seringalista.

2 Melancolia e saudade do migrante sertanejo

Por intermédio do romance *Terra de Icamiba*, a ficção literária trata a respeito do que os migrantes sertanejos passaram em terras paraense, se podendo elencar o personagem Lucas, que saiu do Sertão do Ceará com o propósito de conseguir uma melhor condição de vida, mas tal mudança foi difícil para o sertanejo, já que precisou deixar sua família e seu lugar de origem, adentrando em um desafio que, não passou de ilusão e sofrimento.

Lucas constituiu família em terras paraenses, composta por sua mulher Carolina e o seu filho Bepe, a quem dedicava tudo o que conseguia conquistar por meio dos trabalhos que exercia. Mas, o retorno financeiro não foi satisfatório, uma vez que o lucro maior sempre ficava com os comerciantes desonestos, o que conseqüentemente proporcionou a Lucas, somente os sentimentos de melancolia e saudade pela sua terra natal (Sertão).

2.1 Melancolia do migrante

A priori, a obra literária em questão, enfatiza o momento em que, o migrante sertanejo chegou ao Pará, e logo sentiu o choque de estar em terras desconhecidas: “Lucas aproveita a

maré. Fica só, em terra alheia. Os seus olhos são dois açúdes” (Bastos, 1934, p. 14). Essa viagem à Amazônia, não se tornou fácil, uma vez que o migrante abandonou toda a sua história, levando em conta o migrante Lucas e tudo o que ele viveu no Sertão do estado do Ceará, e essa mudança drástica, imediatamente ocasionou uma extrema melancolia ao sertanejo. Todavia, ele se fez forte em seus primeiros momentos, tendo muita dificuldade em conquistar um emprego, pois o que haviam dito sobre a Amazônia não passou de invenções, porém continuou procurando meios para trabalhar e se manter em terras paraenses:

Terminando o serviço da estrada de ferro, Lucas perdeu o emprego. Então comprou uma canoa e foi fazer comércio em Mojú. Porém a sorte não o ajudou bastante e Lucas, quazi esmorecido, aventurava, agora, percorrendo o acará. De regresso, já sem fé nos sucessos de vida nova, dismava em voltar ao ninho das jandaias do seu ciará despovoado (Bastos, 1934, p. 18).

Neste momento, se percebe que a literatura retrata bem o percurso feito por Lucas, proveniente para a melancolia do migrante que, perante todas as dificuldades enfrentadas, onde conseguir um emprego, era algo difícil, e quando se conseguia, ele não se fazia durar. Além de procurar outras opções, que também não eram sustentáveis a um homem que precisava se estabilizar, visto que as necessidades se tornavam evidentes em relação à alimentação e moradia. Mesmo se tratando da literatura paraense, não se pode negar que, há um elo entre norte e nordeste, uma vez que o cearense com pouca esperança em sua nova realidade, já pensava em retornar a sua terra seca, onde pelo menos teria a companhia dos seus entes queridos e, de sua cultura que tanto lhe fazia falta, em terra alheia. Ver-se logo que, o migrante saiu de sua terra, porém é como se a terra não houvesse saído do migrante, que de longe pensava em retornar ao Sertão um dia.

Além disso, fazendo-se válido observar, que ao serem recebidos, os migrantes muitas das vezes sofrem xenofobia, por parte dos habitantes locais, o que torna mais dificultoso o processo de adaptação e sobrevivência. Logo, isso causou mais dificuldade em conseguir emprego e relacionar-se com os demais, haja vista as relações sociais podem significar uma maneira de alcançar recursos para continuar mantendo-se no meio social em que se vive. E quando Lucas conseguiu alguma chance de prosperar na região, foi impedido pela desonestidade dos comerciantes, que se aproveitaram do migrante, para adquirirem mais lucros por meio das negociações, sobre: Quem compra? Quem vende? Quem fica? Com a mercadoria.

Podendo-se notar que, as dificuldades parecem não terem fim, nas quais Lucas além de já ter passado por tudo até então, continuava tendo problemas, agora em tentar fazer comércio,

e todas essas adversidades contribuíram mais, para a melancolia que o pobre cearense estava sentindo por sobreviver em terras paraenses: o nordestino se demonstrou predestinado, por brigar no Sertão como o fogo; no Pará com as águas grandes; no Amazonas com o mato; com a desonestidade dos aviadores e dos mascates (Bastos, 1934). Se podendo perceber que, o migrante sofreu até mais que o caboclo, que era considerado a classe de homem mais pobre que se tinha na região norte.

Como assunto muito abordado, pela literatura paraense do começo do século XX, se tem os seringais na floresta amazônica, em que os migrantes se arriscaram trabalhando, e Lucas também se aventurou em tais lugares, os quais eram chamados de inferno verde: “Trabalhou muito. Conheceu as madrugadas antes dos passaros e não lhe foi possível o anelo. O leite da seringueira, brilhante e pastoso, foi apenas um relampago de grandeza” (Bastos, 1934, p. 61). O fator familiar, se tornou o principal motivo para o migrante suportar essa condição de trabalho exaustivo, haja vista que Lucas tinha como esposa, Carolina e como filho, Bepe. Então, todo o seu esforço no trabalho árduo, era cumprido pensando em sua família, para que eles não passassem necessidades por morarem em tal lugar. Nota-se que, o cearense já tinha feito vínculos mais fortes, tornando-o completamente preso ao Pará, não somente por precisar trabalhar, mas também por afeto aos seus entes queridos. Além de trabalhar nos seringais, continuou em busca de algo melhor, explorando terrenos com a plantação de cana, espigas, arroz e maniva, e o que conseguiu como lucro, investiu no plano verde das searas.

E Lucas continuou fazendo negócios com os homens do comércio, fornecendo produtos agrícolas:

Lucas assinou promissórias que seriam abatidas, entre ambos, se houvesse fracasso. De repente, uma inundação varreu a colheita e demorou nos campos. Quando findou o tempo convencional de vencimento, mandou executar as letras. Sem repartir os prejuízos. Lucas avizado não acreditou (Bastos, 1934, p. 62).

Se tratando de plantação, nem sempre a colheita é favorável, e como já falado, não era confiável negociar com essas pessoas, que não tinham ética para com os outros. Quando Lucas se encontrou nessa situação difícil, pediu três meses de prazo ao seu sócio Amar, para que conseguisse pagar a dívida, todavia recebeu três vezes as costas, de alguém a quem Lucas havia ajudado a tempos atrás, emprestando-lhe dinheiro e o salvando da cadeia. Para poder quitar a dívida, o cearense entregou tudo o que havia conseguido conquistar com tanto sacrifício: terras e rebanhos. Se percebendo a melancolia que Lucas passou em relação às perdas, visto que todo esse trabalho que o sertanejo exerceu foi pensando em Carolina e Bepe, tendo em vista conseguir recursos para dar uma vida melhor a sua família.

Em meio a melancolia, Lucas ainda teve forças para dialogar com o seu primogênito, a respeito da desgraça que passava. Em uma conversa franca, avisou Bepe sobre ter cuidado com o perigo que havia nas pessoas, as comparando com corujas que piavam de dia, e de noite na floresta amazônica, e que Bepe não confiasse em ninguém, comparando a bondade nacional, com caroços de piquiá, nos quais os espinhos estão escondidos, e mais tarde se poderia sofrer a traição vinda dos outros: “Ainda disse:- Bepe, eu tenho chorado muito. Ajitou-se convulsamente e escondeu os olhos no unico epigrama de sua vida: - Bepe, a gente, aqui, até perde o geito de morrer. E morreu, de bruços, com vergonha da morte” (Bastos, 1934, p. 63). A melancolia que esteve em grande parte da vida do migrante, durante o período em que viveu no Pará, o acompanhou até o momento de sua morte, na qual Lucas sentiu muita tristeza, desânimo e vergonha, por tudo o que havia passado em terras paraenses. E acabou morrendo em meio a toda essa melancolia vivida, que foi causada pelos demais fatores: desumanas condições de trabalho; o sustento de sua família; e as péssimas relações sociais no comércio.

E com às condições impostas, a floresta Amazônica foi comparada até mesmo, a um purgatório, o qual era apenas melhor que o inferno descrito na literatura cristã, onde muitos nordestinos insistiam em tentar a sorte, uma vez que não tinham escolhas, pois a seca do Sertão nordestino poderia significar uma sentença de morte: no Marajó os vaqueiros defendiam o gado contra os botes das sucurijú, porém às sucurijú a quem se referiam, eram os próprios migrantes (Bastos, 1934). A vida continuava difícil, na qual os migrantes se disseminavam por todo o Pará, havendo vezes em que precisavam atacar as criações de animais para poderem se alimentar.

Ademais, nota-se na ficção da obra, o migrante perdendo aspectos sociais e civilizados, o que resultou na animalização de muitos, não apenas em relação à alimentação, mas também no que concerne a falta de higiene, e a ausência de companhia feminina, pois os homens passavam grande período sem terem contatos com mulheres, o que causava enorme carência e, conseqüentemente para suprir tal necessidade, se submetiam ao ato de zoofilia, aumentando ainda mais a imagem primitivista, monstruosa e selvagem que já possuíam. Fazendo-se observar, as péssimas conseqüências que o descaso provocou nos sertanejos, sendo tratados como bichos e comparados aos animais selvagens da região.

Enquanto úteis, os migrantes eram utilizados, e quando não mais produtivos, se tornavam rapidamente excluídos. Essa é a realidade para com os outros, enfrentada desde quando os nordestinos estavam no Sertão, e, se mudaram em busca de uma vida melhor. Pode-se mudar a região, ou a cultura, entretanto a principal causa para a melancolia na vida dos sertanejos, se fez por descaso dos ricos, que, em nem um momento, ajudaram esses pobres

homens brasileiros que, somente queriam uma oportunidade de sobreviver em meio a toda pobreza em que estavam.

2.2 Saudade do Sertão

A princípio no romance, quando o cearense chegou em terras paraenses, pode-se dizer que, a saudade tomou parte em sua vida, já que deixou todos os seus vínculos afetivos: “Quando o cearense chora é a saudade que rompe os açúdes: são os parentes queridos que, para matar a sede do amor vêm puxar agua dos olhos do amigo” (Bastos, 1934, p. 15). Sendo uma migração difícil, Lucas deixou todos os seus familiares: pai, mãe, irmãos e amigos que ficaram no Sertão do Ceará, além disso o migrante perdeu a cultura na qual vivia, não tendo mais as mesmas comidas e atividades do cotidiano sertanejo. Então, a priori, esse choque de realidade foi algo extremamente difícil com que se lidar, tornando-se o primeiro motivo para que o cearense pensasse em voltar para o interior do Ceará.

Estar longe de suas origens, muitas das vezes pode enfraquecer o migrante, e o autor enfatiza essa possibilidade por meio da luta entre dois animais:

Era a briga da cascavel e do camaleão. Mediam-se, arremeteram, porfiavam. Golpes fulos arrematavam botes elasticos. Mas o que impressionava era a resistencia do camaleão, que, de quando em quando, saltava, buscava, adiante, a sombra do pracaxi e voltava mais indomavel e forte (Bastos, 1934, p. 19).

Desse modo, o lagarto lutava apenas próximo ao pracaxi (árvore do Sertão), que era como sua casa, em virtude que o animal comia a casca da árvore, agindo nas feridas causadas pela cascavel, restaurando as forças do réptil, e o tornando resistente contra os ataques da cobra, fazendo-se o recurso fundamental para a vitória do bravo camaleão.

Comparando esse exemplo ao migrante, que, em sua terra de origem, as suas forças eram maiores, pois no Sertão havia fatores como a família, que ajudava o sertanejo a lidar melhor com as dificuldades do cotidiano. Porém, no novo estado, não se tinha esse fator fundamental para continuar sobrevivendo, logo o nordestino estava fraco em terras desconhecidas, tendo mais um motivo para sentir saudade de sua terra natal. E quando o migrante está distante de seu lugar de origem, se torna incapaz até mesmo de fugir, uma vez que não conhece o espaço onde se encontra, assim como a floresta amazônica é um bioma grande, e de mata densa, capaz de ser desconhecida até mesmo para os moradores nativos da região, haja vista um lugar ideal para escravizar os iludidos forasteiros.

Dentre essa adversidade e outras enfrentadas por Lucas, devido a dificuldade em conseguir emprego ou em sofrer no trabalho exaustivo e pouco recompensador, sempre

provocavam no migrante a vontade de retornar para o Sertão, em que além de sentir saudade de sua família e cultura, também se recordava da fauna que havia no bioma. Haja vista, a forma como o romance retrata o migrante, pode-se considerar que, o mesmo foi um sujeito forte, por ter adentrado em um universo completamente diferente do seu local de origem, vivendo em meio a floresta amazônica, onde muitos não suportariam.

E perante a todas essas péssimas condições de vida passadas no Pará, o cearense sentiu saudade até mesmo das dificuldades vividas no Sertão: “Antes ficar no Ceará e morrer sob a faca do patrício, do que correr o Amazonas e morrer sem alma, porque a alma ficou empenhada, ficou até dobrada, dentro do bolso do regateiro” (Bastos, 1943, p. 42). Em mais um momento, é surpreendente notar o quão ruim foi a vida para o migrante, e por consequência preferia voltar a difícil realidade enfrentada no Sertão, do que continuar morando na Amazônia sob as péssimas condições impostas. Permanecendo em tal situação, não conseguia melhores opções, fazendo-se refletir que, em verdade, a terra próspera nada mais era, do que somente uma utopia, visto que para o sertanejo, existiam apenas a sua miserável terra natal; e as péssimas terras, as quais o governo, o mandava, dando continuidade ao seu sofrimento e provocando no migrante, a saudade pelo Sertão.

Nessa exploração do homem pelo homem, o saldo de todo o trabalho ficava com os patrões, fazendo com que, o sentimento de saudade não pudesse ser correspondido, haja vista os migrantes não conseguiam dinheiro sequer para comprar a passagem de volta para sua terra. Além disso, havia um sistema opressor que não permitia aos trabalhadores reclamarem com os patrões, visto que poderiam ser agredidos fisicamente pelos seus jagunços. Quando o território brasileiro era submetido à coroa portuguesa, havia exploração do que se produzia nele, e isso gerava revolta por parte da elite brasileira. Entretanto, esses mesmos civis, ou os seus descendentes, agora no papel de comandantes, foram incoerentes em suas atitudes, já que partiram de uma forma desumana, para com os demais trabalhadores e também filhos da nação. O que se faz refletir, um povo que foi oprimido, significa que não poderá ser também um possível opressor?

Outro ponto a se pensar, é, o isolamento social do migrante, que passava a maior parte do dia trabalhando, e por isso, não tinha momentos de lazer, o que conseqüentemente lhe causava solidão e tristeza, bem como as relações sociais inconfiáveis nos meios de trabalhos, pois havia pessoas má intencionadas com o intuito de se aproveitar dos outros. Fazendo-se melhor, evitar tais relações, o que contribui mais para a solidão e tristeza, fortalecendo o sentimento de saudade pelo Sertão, o que também pode-se considerar como uma das poucas felicidades do migrante, lembrar dos bons momentos vividos no interior nordestino.

De fato, a obra literária em análise, aborda várias questões que foram responsáveis pelo migrante nordestino sentir vontade de retornar ao Sertão, mas infelizmente esse desejo também se tornou uma utopia, o qual somente se fez possível em sua imaginação. A formação familiar; o passar dos anos morando no Pará; e se acostumando com a vida que foi oferecida, puderam minimizar a dor, em estar afastado de seu lugar de origem, entretanto o sentimento de saudade não acabou, e o sertanejo que consciente da realidade, já poderia conformar-se com a morte dos seus parentes mais velhos, e lamentar por não ter conseguido vê-los novamente em vida. Toda essa tristeza causada na vida desses trabalhadores, foi algo cruel por parte dos políticos e proprietários da época, já que quando usaram os migrantes no trabalho árduo, também lhe fizeram mal nas questões afetivas em relação a sua terra. Pode-se constatar que, os sertanejos remanescentes (os quais ainda se encontram vivos no Pará), devem saber várias histórias sobre a migração sertaneja, relatando os acontecimentos dessa época difícil, que a migração viveu.

3 Conclusão

Em síntese, o romance *Terra de Icamiba* abordando a respeito da migração sertanejo na Amazônia paraense, sendo uma ilusão publicitária do governo brasileiro junto aos proprietários de terras, com o objetivo de explorar os trabalhadores nordestinos para conseguirem mais riquezas, em favor das classes dominantes do começo do século XX, (período da extração do látex) na região norte do Brasil e, ascensão da produção da borracha. Ademais, o migrante não se limitou somente aos seringais, visto que não eram o suficiente para mantê-lo vivo, então o nordestino buscou outras possibilidades de sobrevivência e, toda essa mobilidade no trabalho, vivida por Lucas, assim como pelos demais sertanejos, favoreceu de forma significativa o desenvolvimento do estado do Pará, dado que boa parte do capital gerado pelo trabalho, permaneceu em terras paraenses. Refletindo-se sobre: Será que, seria mais justo, usar parte do dinheiro em prol dos trabalhadores e de suas famílias pobres, que ficaram no Sertão nordestino? Já que eram os que mais precisavam de um amparo, por viverem em tal miséria.

Além dos migrantes contribuírem no começo do século XX, também deixaram descendentes que nasceram no estado, unindo o povo paraense com o nordestino e, os seus filhos e netos continuam morando e trabalhando no Pará, gerando mais ganhos econômicos ao estado. Vê-se logo que, a questão da migração se tornou algo atemporal, em virtude de que, mesmo se todos os migrantes do período da borracha falecerem, a sua miscigenação e cultura são algo que sempre prevalecerá. Entretanto, muitos desses feitos não são reconhecidos na atualidade, já que grande parte da sociedade brasileira desconhece a importância da migração sertaneja, não apenas para o estado do Pará, mas também em todo o território nacional.

Como foco de análise, (da obra literária em pauta) a melancolia e a saudade da migração sertaneja na Amazônia, foi algo que causou nos sertanejos arrependimento por tentarem se aventurar na região norte, a exemplo de Lucas. Deixando uma lembrança negativa para os mais jovens, que puderam presenciar, ou informar-se acerca das dificuldades que os primeiros migrantes passaram no Pará. Pelo menos, essa atitude dos nordestinos, foi importante para que, os seus descendentes pudessem nascer, e se desenvolver em terras paraenses, de modo melhor, se comparados aos seus antepassados. Uma aventura vivida pelos sertanejos, que não se sabe ao certo, se, migrantes de outras regiões do Brasil (que também não eram lugares exemplares para se viver) teriam a mesma coragem em arriscar-se, por esperança de melhores condições de vida.

Tal produção de Abguar Bastos, foi precisa em mostrar a realidade que se tinha na Amazônia, uma floresta densa, perigosa e com homens maus, que apenas valorizavam a questão financeira, se aproveitando dos pobres trabalhadores que migraram para esse lugar de sofrimento. Mas, o autor também almejava, que, a Amazônia se tornasse um lugar do futuro, no qual a riqueza fosse mais bem distribuída entre os homens; havendo solidariedade; onde não acontecesse exploração; em que os conflitos não seriam mais necessários; bem como ocorrendo paz e confraternização entre os povos. Sendo um valorizador da literatura paraense, Bastos demonstrou isso em "*Terra de Icamiba*", salientando palavras próprias do vocabulário amazônico, como: piquiá, sussuarana e sucurijú; dando um ar poético acerca do bioma Amazônia, em que a flora e à fauna destacam-se no romance; não considerando as influências europeias da época, na criação dessa obra.

Abguar sem dúvida, é uma referência de escritor Amazônico, igualmente a outros literatos da região, mostrando-se que o estado possui sua literatura própria, a qual muitas das vezes precisa ser mais divulgada, para que os leitores possam conhecê-la melhor, e que não seja esquecida, ou pareça não existir, em comparação às obras de outras regiões do país. Sendo importante enaltecer os registros literários locais, opondo-se a um pensamento bastante comum, em valorizar mais, o que é produzido em outros lugares, e, menosprezar o que é feito no Pará, desmistificando a ideia de que, a Amazônia é uma terra que não faz tarde da nação; onde não há progresso, mas apenas mato, animais selvagens e pessoas ignorantes. Mudando essa mentalidade preconceituosa, pode-se haver melhores perspectivas, de modo a prover um lugar de recursos e desenvolvimento aos seus habitantes.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Abguar. *Terra de icamiaba*. Rio de Janeiro: Andersen Editores, 1934.

BERTINI, Fátima. O conceito de saudade (*Desiderium*): a pertinência de uma tradução. *Santa Bárbara Portuguese Studies*, Santa Barbara, v. 2, p. 1-10, 2016.

BRAGA, Débora Renata de Freitas; SILVA, Allison Marcos Leão da. A selva, de Ferreira de Castro: representações das margens e das minorias. *Língua & Literatura*, Manaus. v. 15, n. 24, p. 143-163, ago. 2013.

BURITI, Catarina de Oliveira; AGUIAR José Otávio. Secas, imigrações e representações do semiárido na literatura regional: por uma história ambiental dos sertões no nordeste brasileiro. *Textos e Debates*, Boa vista, v. 2, n. 15, p. 7-31, abr. 2012.

CAVALCANTE, Thais Barbosa de Siqueira; NETO, Regina Beatriz Guimarães. Legados e trocas culturais na amazônia brasileira. Práticas culturais de imigrantes nordestinos sob o impacto das políticas governamentais que estimulam os deslocamentos migratórios, entre os anos de 1970 e 1985. In: XIII Conec VII Coniti IV Enic. Recife: CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO, 2015.

CUNHA, Tuylla Rayane Tavares da. Dos sertões nordestinos aos seringais amazônicos: trabalho, exploração e resistência. In: XIII Encontro Estadual de História. Natal: HISTÓRIAS E MÍDIAS: NARRATIVAS EM DISPUTAS, 2020.

FURTADO, Marli Tereza. Coronel de barranco, de Cláudio de Araújo Lima, e a amazônia do áureo período da borracha na literatura brasileira em 1970. In: Congresso Internacional 2018. Belém: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA, 2018. p. 1895-1902.

MOISÉS, Massaud. *A criação da literatura: prosa 1*. São Paulo: Cultrix, 2006.

REIS, Marcos Valério Lima. Terra de icamiaba de Abguar Bastos e a fundação do romance amazônico. *Projeto História*, São Paulo, v. 73, p. 128-153, jan./abr. 2022.

SAYAD, Abdelmalek. O que é um imigrante?. *A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1998. p. 45-72.

SCLIAR, Moacyr. O nascimento da melancolia. *Ide*, São Paulo, v. 31, n. 47, p. 133-138, dez. 2008.